No seio da opressão, agiganta-se a derradeira esperança

STAR TREK
DEEP SPACE NINE

SOBREVIVENTES DO PRECONCEITO

TB BOOKS

CLÁUDIA FURTADO

STAR TREK
DEEP SPACE NINE

SOBREVIVENTES DO PRECONCEITO

Cláudia Furtado

Obra ampliada e revisada

TB BOOKS - 2002

Romance baseado em **Jornada nas Estrelas** (Star Trek), criada por Gene Roddenberry.

Sobreviventes do Preconceito é um trabalho de cunho ficcional que não tem o intuito de infringir quaisquer direitos autorais da Paramount Pictures, detentora da marca **Jornada nas Estrelas**.

Publicado pelo **Trek Brasilis** em setembro de 2002

A AUTORA

Cláudia Furtado (c.furtado@superig.com.br) é carioca, amante da Sétima Arte e tem como hobby séries televisivas antigas que abrangem o período que vai dos anos 30 aos 90, sendo a ficção científica o seu gênero favorito.

Há pouco mais de três anos começou a dar asas à imaginação criando fantasia e ficção, tendo o conto como veículo de expressão, principalmente ao descobrir o maravilhoso mundo dos Robin Rounds virtuais.

Participa desde 2001 do Projeto SLEV (www.slev.cjb.net), uma espécie de RPG literário, em que obteve o 1º lugar neste mesmo ano. O projeto gerou ao final dos trabalhos a antologia *Idade da Decadência – Inferno em Khallah*. Atualmente continua a

fazer parte da terceira edição do mesmo projeto, cujo gênero é a ficção cientifica, tendo como ponto de partida a História da Civilização Humana, indo ao encontro da História Alternativa, onde a ficção começa a partir da pergunta: "E se a história fosse outra?"

Em 2002 passou a colaborar com a Scarium Megazine (http://scarium.cjb.net), com o seu projeto No Escurinho do Cinema, onde utiliza a crônica bem-humorada para dar sua versão dos fatos baseada nos mais famosos filmes do cinema.

AGRADECIMENTOS

Ao grande amigo Rogério Amaral de Vasconcellos, por me fazer acreditar que um sonho acalentado há muito pudesse se tornar realidade, e por seu inestimável, irrestrito apoio como leitor e conselheiro sem o qual esta obra sequer teria saído do mundo das idéias.

A Mariana Pedroso, por gentilmente lembrar-se de meu nome, viabilizando um antigo desejo de ver este trabalho disponibilizado em um conceituado site de Jornadas nas Estrelas.

Aos meus pais, por incentivarem e participarem deste sonho.

Aos bons amigos virtuais que fiz nestes cinco anos de viagens no maravilhoso mundo da internet.

E finalmente à saga de Jornada nas Estrelas,
por ter sido também uma grande
companheira de minha adolescência.

APRESENTAÇÃO

É interessante o processo pelo qual uma idéia concebida inicialmente, e de maneira acanhada até, ganha vulto e transforma-se em algo que vai muito além das expectativas, seguindo caminhos completamente diferentes daqueles que o autor imaginou como resultado final.

Esta premissa se encaixa com precisão na razão de ser de *Sobreviventes do Preconceito*.

Há pouco mais de dois anos, tendo descoberto os RPG's virtuais, resolvi fazer minha primeira incursão nesta seara, pois, além da curiosidade sobre o seu mecanismo, percebi que era uma excelente oportunidade de saciar minha constante necessidade de colocar no papel (nos dias de hoje, leia-se tela) tudo aquilo que me vinha à mente. Por ser fã incondicional de seriados de ficção científica, pensei comigo: por que não juntar o útil ao agradável?

Comecei timidamente a esboçar os primeiros traços físicos e psicológicos da personagem, bem como o seu histórico, mas, na medida em que o mesmo tomava forma, senti a necessidade de buscar informações extras para torná-lo crível e quase real. A personagem em questão tornou-se tão complexa, devido às pesquisas intensas e a qualidade de informações adquiridas, que seria um desperdício não aproveitar todo o material coletado. Foi então que decidi partir para algo mais arrojado. Resolvi criar uma fan-fiction com ares de novela (história com mais de 17 mil palavras e menos de 40 mil), lançando mão do cenário de meu spin-off predileto de Jornada -- Deep Space Nine.

Sobreviventes do Preconceito é uma tentativa bastante ousada de minha parte em criar uma trilogia que pretende contar o dia-a-dia da Ocupação Cardassiana no planeta Bajor e as repercussões que ela gerou em todo o quadrante Alfa, trazendo como conseqüência a derrocada final do Império Cardassiano -- tudo isso visto pela ótica de duas incomuns Bajorianas.

Espero que a leitura deste trabalho seja tão agradável ao leitor quanto foi para mim desenvolvê-lo, e como esta narrativa é a minha primeira experiência no gênero fan-fiction, o feedback seria sem dúvida um excelente instrumento para a avaliação dessa tentativa pioneira.

C. Furtado
22 de agosto de 2002

PARTE UM

2345 – Planeta Bajor, vinte e três anos antes do término da Ocupação.

ANARYS NEESKA MALDIZIA SUA obstinação toda vez que tornava a olhar o céu enfarruscado com nuvens carregadas formando um grande temporal. As rajadas de vento intermitentes traziam redemoinhos de grãos de areia que, ao contato com a pele, feriam seu rosto desprotegido, infligindo desconforto. A única estrada que levava a Tiabal, onde fazia planos para pernoite, mais parecia um enorme turbilhão de cristais de areia.

- Templo Celestial, porque não dei ouvido a Haadra em adiar minha volta! – recriminava-se ao mesmo tempo em que procurava acelerar o pequeno e velho turbociclo movido a bateria solar.

A teimosia aliada à pressa de voltar para a missão em Ilvian fizeram a Bajoriana de longos cabelos castanhos ignorar os insistentes conselhos de Haadra Meikar. Fazia um mês que

se encontrava em Mizak, uma pobre vila assolada por uma infecção causada pela contaminação dos rios por lixo tóxico, proveniente de algumas minas Cardassianas de extração de minério bruto espalhadas pela região.

Não podia recusar um pedido de sua amiga de infância e médica assim. Tão logo conseguiu amealhar transporte, medicamentos e outros itens que julgou necessários, foi em seu auxílio, apesar do constante risco de topar com milícias inimigas. Contando com a ajuda de pessoas certas na Resistência, a viagem deu-se sem grandes transtornos. Entretanto, os contratempos em sua jornada de volta estavam apenas por começar...

A MISSÃO FORA UM TOTAL desperdício de tempo, conforme previra t*ulgryn*[1] Dukat, mal disfarçando sua irritação, que normalmente dissimulava muito bem atrás de um sorriso sarcástico. 'Confraternizar' com os nativos era algo que procurava evitar, mas fazia parte de

[1] Tulgryn – Patente que corresponde ao posto de comandante

seus deveres como oficial do *Comando Central*[2], e isso o deixava realmente de mau humor.

O último relatório de inspeção dava conta de que a principal usina de processamento de minério bruto de urídium na província Lonar se encontrava com sua cota abaixo do esperado e em visível atraso. Dukat fora designado para verificar as razões. Requisitou transporte e destacou um pequeno grupo de três soldados e um piloto, resolvendo sem muita delonga estragar de vez o dia em questão.

Atividade desta natureza não enriquecia a ficha militar do tulgryn, que almejava muito mais do que receber ordens corriqueiras como um estafeta qualquer entre os muitos que conhecia. Sua sede obstinada por destaque era grande o bastante para se fazer valer de qualquer artimanha na sua escalada por postos que lhe conferissem poder e glória. O ambicioso militar tinha a certeza de que nascera para coisas maiores. Na verdade, sentia que muito em breve todos em *Cardássia Prime*[3] o respeitariam, nada o

---

[2] Uma das principais ramificações militares do Império Cardassiano.

[3] Planeta classe M, pobre em recursos naturais, que serve de lar aos Cardassianos.

impediria de alcançar seu objetivo, fora talhado para isso: inteligente, ardiloso, belicoso e estrategista nato, requisitos básicos para obter o mais alto posto da hierarquia militar Cardassiana, *legate*[4].

Uma espécie de greve velada estava ocorrendo entre os mineiros, atrasando a extração e todo o processamento, tal qual previra o entediado Cardassiano. Como se não bastasse, durante toda a inspeção fora bajulado pelo responsável local, um Bajoriano ruivo de nome Akhor Najal. E foi com grande alívio e satisfação que no início da tarde, à porta do transporte que o levaria de volta a Hatha, Dukat 'sugeriu' a Akhor colocar em dia a cota de minério com uma proposta que sem dúvida o Bajoriano não poderia recusar.

///

A JOVEM MÉDICA se censurava mais uma vez à medida que acelerava o transporte, por ter se deixado levar pelo irracional impulso de regressar à missão em Ilvian, seu lar, quando fora aconselhada do contrário. "Jamais chegarei a tempo em Tiabal." -- constatou com ar

[4] Patente que corresponde ao mais alto posto em Cardássia Prime.

preocupado, mirando pela enésima vez o céu quando nova descarga elétrica trouxe junto os primeiros pingos de chuva.

- Você não aprende mesmo, Anarys! – disse em voz alta para si mesma.

DUKAT MIRAVA AS torres da usina vendo-as com alívio ficarem cada vez menores. Notou as nuvens carregadas da janela do transporte, prevendo que a viagem de regresso não seria nada tranqüila, respirou fundo com alguma impaciência e resolveu dar início ao relatório da visita para o Comando Central.

Já se passara algum tempo desde que começaram a sobrevoar a área crítica do temporal que se formava. Dukat se irritou por não conseguir ir avante com seu trabalho enfadonho, já que o veículo lutava para manter-se em prumo. Voltou sua atenção para o piloto, que procurava marcar novas coordenadas que permitissem um vôo menos turbulento. Mesmo assim, sacolejava tanto que a comitiva de segurança do tulgryn no fundo do transporte trocava olhares temerosos.

Dukat desistiu do relatório com um gesto brusco desligando seu padd e pôs-se a lembrar o que gul Borad, um velho amigo, lhe confidenciara dias antes. Segundo ele, o Comando Central tinha planos para a construção de uma estação orbital em Bajor, a exemplo da Empok Nor nos limites do quadrante Alfa. Seria uma excelente oportunidade para começar a traçar planos no sentido de influenciar as pessoas certas dentro da *Ordem Obsidiana* [5] para que seu nome fosse indicado para assumir o comando da futura estação, pois o posto seria perfeito para as aspirações do tulgryn e nada lhe daria maior prazer. Imerso em sonhos de conquista, o oficial mais graduado do transporte teve seu momento de glória interrompido por um relâmpago que ofuscou seus grandes e brilhantes olhos azuis acostumados a ambientes de pouca luminosidade e altas temperaturas, tais quais Cardássia Prime. Levou a mão à fronte buscando proteger-se da claridade no mesmo minuto em que uma forte descarga elétrica atingiu o transporte em cheio.

- Sistema navegacional atingido! – gritou o piloto, competindo em voz com o alerta piscando

[5] Unidade de inteligência do Império Cardassiano.

no painel de controle principal – Recebemos o impacto direto no núcleo de fusão primário! – informou, refazendo-se do susto.

- Iniciando desligamento de emergência do núcleo. – disse a voz controlada de Dukat, assumindo os controles secundários – A nacele de bombordo está inundada de deutério ionizado.

- Perdemos os propulsores de impulso!

- Ainda temos os manobradores. Compensar com manobras manuais. – ordenou, acionando uma série de comandos em seu painel.

- Travaram, senhor! – gritou de novo o jovem piloto, sendo observado pelos demais, apreensivos, no fundo do veículo.

Uma forte rajada de vento desestabilizou de vez o transporte, fazendo como que girasse em torno de seu eixo, desenhando uma nova e sinistra trajetória em direção ao solo.

NEESKA CAMINHAVA A pé sem demonstrar a mínima pressa na estrada coberta de seixos. Afinal, de que adiantaria correr? A chuva a alcançara, encontrava-se completamente molhada e com frio. Seu transporte, um

turbociclo adaptado com um gerador de energia roubado de algum veículo Cardassiano emboscado, verdadeira peça de museu, resfolegara a última célula de energia um quarto de horas atrás.

Puxando a gola da camisa e protegendo a vista dos açoites do vento, Anarys pedia desesperada a seus Profetas que encontrasse logo um lugar para se abrigar do temporal que não dava mostras de amainar.

Suas preces foram interrompidas por um zunido alto de motores falhando. Levantou a cabeça para o céu cada vez mais enfarruscado e vislumbrou através da bruma que teimava em se misturar com a forte chuva uma nave em dificuldades, rumando desgovernada para a garganta Ratasha tentando pouso de emergência.

O som do transporte em apuros raspando sua fuselagem superaquecida nas copas das altíssimas e milenares árvores Rashi a meio caminho da entrada da garganta fora alto. Entretanto, não mais que o estrondo causado pelo impacto minuto mais tarde do veículo no solo, seguido de uma explosão que competia em luminosidade com os relâmpagos mesmo a alguns quilômetros de onde se encontrava.

A jovem Bajoriana não pensou duas vezes em rumar para o local do acidente e prestar socorro. Contudo, algo lhe dizia que dificilmente alguém sobreviveria a uma queda como aquela.

O IMPACTO DO TRANSPORTE Cardassiano ao atingir o solo fraturara a estrutura metálica rasgando-a em duas, expondo suas entranhas em um perímetro de quase 130 m², enfeitando de forma macabra a paisagem com equipamentos e carga destruídos, fundidos junto ao fumo negro tóxico. Apesar de toda a perícia, o piloto não lograra êxito em salvar toda a tripulação, encarregando-se inclusive de se incluir no rol de óbitos.

Depois de caminhar por quase uma hora por uma trilha bastante acidentada e enlameada, Neeska finalmente avistou o que parecia ser a parte posterior da nave. O cheiro forte de gás tóxico e carniça queimada faziam-na tossir e lacrimejar e, por entre os destroços ainda fumegantes, constatou frustrada a inutilidade de sua ação ali, tal qual previra.

Mesmo para uma médica acostumada com o aspecto da morte nas mais variadas formas,

conseqüência dos embates constantes nos últimos anos por parte da Resistência Bajoriana ao jugo cardassiano, o que viu revoltou seu estômago. Os corpos mutilados e semicarbonizados de dois oficiais -- reconhecera a origem deles devido ao uniforme característico de seus opressores. Ao voltar a vista para o lado assustou-se quando acidentalmente esbarrou em um console ainda fumegante, que desabou ruidosamente revelando mais um corpo. O infeliz jazia semi-sepultado ainda afivelado em seu assento, com os joelhos tocando o queixo de forma nada natural, inteiramente coberto por cinzas causadas por uma erupção de plasma provocada pela explosão de um painel próximo, dando um refinado toque macabro ao cenário de destruição. Desanimada, deixou para trás os destroços e notou o recente buraco formado a poucos metros dali.

A cratera com um diâmetro de quase 15 metros de largura por uns seis de profundidade guardava em seu íntimo o restante da carcaça seccionada do transporte. Anarys Neeska alcançou a borda do novo aspecto topográfico e examinou-o detidamente, especulando a melhor maneira de chegar ao fundo sem ser surpreendida por uma queda.

A chuva dera uma ligeira trégua, assim como o forte vento, mas a temperatura teimava em cair drasticamente no local. Uma vez decidida e sem mais perda de tempo, desceu pelo que julgou ser a melhor opção, na certeza de que também não encontraria sobreviventes ali.

O que parecia ser a cabine de comando encontrava-se severamente danificada, parcialmente desmembrada da seção principal. A nativa notou com renovado suspiro frustrado o corpo do piloto entre os destroços. A vítima com certeza sequer tivera tempo para dirigir um pensamento aos seus entes queridos ou a seu *Pagh* [6]. A maioria dos Cardassianos não rezava havia quase três séculos, ouvira contar que não professavam qualquer credo. A nova Ordem Obsidiana se encarregou disto por defender a teoria de que a religião gera um povo suscetível à fraqueza de pensamento.

A médica deixou a cabine e vasculhou o resto da estrutura quando julgou ter ouvido um fraco gemido vindo lá de fora. Focou a visão prejudicada pela bruma intensa levando a mão à

[6] Termo Bajoriano que significa força interior, alma. Ela é sempre alimentada através de rituais.

testa e vislumbrou alguém caído a poucos metros de onde se encontrava.

Aproximou-se devagar da figura de um oficial estendido de costas para o solo barrento, respirando com dificuldade. Ajoelhou-se ao seu lado sacando de sua bolsa um pequeno bioscanner e iniciou o procedimento padrão de avaliação.

O pequeno aparato médico fazia leituras rápidas informando uma gama enorme de dados, conferindo à doutora um diagnóstico que beirava a perfeição. Escoriações; lacerações superficiais, nenhum osso quebrado; algumas queimaduras por plasma sem gravidade nas regiões das costas, dos braços e das mãos. Contudo, não foi preciso utilizar-se da tecnologia para saber que o ferimento que o estranho trazia no peito era de gravidade considerável.

Um pedaço de metal perfurara o pulmão esquerdo da vítima e ainda se encontrava lá, com sua haste de aproximadamente 20 cm projetando-se externo afora, impedindo que um fluxo maior de sangue jorrasse abundantemente, o que fatalmente o mataria de imediato.

Neeska tentava retirar o que sobrara da armadura peitoral do cardassiano a fim de avaliar melhor o ferimento, quando foi

surpreendida por uma poderosa mão apertando seu frágil e desprotegido pescoço, fechando os dedos em volta e exercendo pressão descomunal em sua garganta.

- O que... está fazendo? – indagou o militar com um fio de voz num esforço supremo.

- Bancando a tola em tentar ajudar – a resposta veio como um raio ao se refazer do susto - Torça o pulso... 30 graus à esquerda... – continuou entre uma respiração forçada e outra – ...Um movimento seco e rápido e deixarei de ser problema para você. O que está esperando? Quebre-o! – ordenou a Bajoriana com uma frieza que não imaginava possuir, esticando o pescoço com o objetivo de buscar ar, e não de desafiar ainda mais o Cardassiano possesso pela dor e impotência.

Imediatamente sentiu a pegada afrouxar, mas não o bastante. Percebeu os olhos alucinados do inimigo tal qual um animal acuado fitarem os seus em busca de respostas.

- Por quê? – tossiu a pergunta, trazendo ainda mais o rosto de Neeska junto ao seu.

- Sou médica e precisa de cuidados, não cultivo o hábito escolher pacientes.

Ao tentar nova pergunta o tulgryn gemeu e em ato reflexo voltou a pressionar a garganta da médica.

- Dói quando respira, eu sei – 'profetizou' – Um pedaço de metal perfurou seu pulmão tornando sua respiração dolorosa e dificultosa.

Dukat voltou a afrouxar a mão em volta do pescoço da Bajoriana.

- Posso ajudá-lo se me der um voto de confiança.

O militar encarou-a desconfiado, claramente tentando comunicar-se. Contudo os espasmos provocados pela dor e a visível falta de ar o impediam.

- Escute, eu não teria me dado a todo esse trabalho descendo até aqui, com este tempo inclemente, se minha intenção não fosse a de simplesmente ajudar – explicou, notando o jeito desconfiado dele – Não se preocupe, - continuou tentando convencê-lo - já remendei sujeitos em piores condições, até tipos como você, Cardassianos, mas nunca em igual situação.

Finalmente Dukat capitulou e a liberou. Se fora por simples falta de forças ou por ter dado seu voto de confiança a ela, Neeska não saberia dizer.

- Deixe-me livrá-lo desta coisa primeiro... – tabulava conversa sozinha, ao mesmo tempo em que massageava o pescoço dolorido e procurava uma maneira de retirar o que sobrara da armadura do militar.

Por debaixo da carapaça revelava-se um corpo perfeito de contornos musculosos e bem definido, mas não tanto quanto a armadura pressupunha. Anarys mantinha-se atenta em não tocar na haste de metal ainda agarrada ao corpo do Cardassiano semiconsciente. Buscou em sua bolsa o bisturi laser e uma pequena cânula de material maleável. Procurou agir rápido ao notar que o oficial perdera os sentidos mais uma vez. Seus alvéolos estavam literalmente afogados na extensa hemorragia interna. Estaria morto em questão de minutos, isso se ela e a sorte permitissem...

Delicadamente posicionou a cabeça do militar para trás em um ângulo capaz de permitir uma incisão na altura da garganta. Esticou a pele lisa e fina no local e preparou-se para cortar.

O instrumento laser fez seu trabalho guiado pelas mãos hábeis da médica. Um pequeno filete de sangue brotou e secou instantaneamente como conseqüência da ação cauterizadora do instrumento. Inseriu rapidamente a cânula na

incisão e assoprou nela, levando ar aos pulmões congestionados de seu paciente. Repetiu o procedimento outras tantas vezes até certificar-se de que ele já respirava melhor, e o tom menos cianótico de seu rosto era a confirmação do fato.

Estando satisfeita com o resultado alcançado até ali, adaptou na extremidade da estreita cânula uma pequena peça de metal em forma de funil, que achou próximo aos destroços, surtindo o efeito desejado de manter melhor ventilado seu paciente. O poder de improvisação e inventividade tornaram Anarys bem conhecida na Academia de Ciências Médicas de Dahkur.

- Respire devagar... Isso... – recomendou com reservada simpatia ao tulgryn, que recobrara parcialmente a consciência – Agora vamos livrá-lo desta pressão.

Nem bem terminara a frase e o bisturi-laser já abria outra incisão na base do externo esquerdo. Neeska introduziu dois dedos no corte recém aberto e girou-os até completar 180 graus. Ao retirá-los, trouxe junto uma golfada espessa de sangue. Começara a drenar o local.

- Vai se sentir melhor – manifestou quase que para si mesma, aliviada em constatar que a traqueotomia funcionava a contento.

Jamais tentara antes este procedimento simples, porém arriscado, em um Cardassiano antes, o que tornava sua tentativa de salvar-lhe a vida um desafio maior. Voltou a examiná-lo com otimismo renovado.

- Estamos indo bem, agora vamos à parte mais divertida da coisa toda... – tentava minimizar a tensão mantendo o olhar fixo na haste metálica.

Revirou sua bolsa freneticamente quando de súbito estacou desanimada franzindo seu pequeno nariz arestado, revelando uma ponta de preocupação. Notando que algo estava errado, Dukat agarrou-a pelo pulso, o que surtiu o mesmo efeito da pergunta: Algum problema?

- Receio não ter anestésico comigo – confidenciou, fitando o oficial por alguns segundos quando lhe ocorreu a lembrança – Deve haver um estojo de primeiros-socorros em seu transporte! – levantou-se para procurar e se deu conta que não saíra do lugar, pois o tulgryn ainda a mantinha presa pelo pulso, contemplando-a com renovada desconfiança, o que irritou a médica.

- Não pretendo largá-lo aqui! – censurou – Não depois de todo o trabalho que tive para mantê-lo respirando!

Dukat insistia em conservá-la presa em sua poderosa mão e sem desgrudar os olhos dela tentava avaliar aquele novo imprevisto.

- Bem, como vai ser, com ou sem dor? Para mim é indiferente! – tornou a desafiá-lo para que tomasse logo uma decisão, já que notara que o ferimento começara a sangrar abundantemente, revelando que a haste metálica já não dava conta de tamponar a ferida. O Cardassiano piscou lentamente, tentando decidir-se.

- Então? - O tom mais alto de sua voz revelava mais preocupação que impaciência.

O militar afrouxou a pegada, decidindo soltá-la.

- Pode ser um tolo, mas estúpido com certeza não é! – alfinetou, rumando para o topo do buraco recém aberto.

///

A TARDE IA ALTA quando a doutora desligou o bioscanner satisfeita com as últimas leituras obtidas de seu paciente involuntário. O risco de morte existia. Entretanto, contava com a forte constituição Cardassiana.

A extração da haste metálica se deu sem maiores complicações. A tarefa fora facilitada

graças ao fato de ter encontrado o estojo de primeiros-socorros que para a surpresa dela estava repleto de medicamentos, materiais e instrumentos além do normalmente necessário, inclusive o tão precioso anestésico. Se havia uma coisa que seus opressores faziam bem era estarem preparados para enfrentar qualquer situação não prevista.

Maior trabalho tivera ao transportar o oficial para o abrigo que improvisara dentro da carcaça metálica. O Cardassiano era muito mais pesado do que aparentava, removê-lo foi o mesmo que carregar um saco enorme de sementes Andorianas molhado. Levou algum tempo para que o acomodasse satisfatoriamente.

Extenuada pelo esforço extra, sentou-se à entrada do abrigo contemplando o inimigo. Metera-se em uma bela encrenca e só esperava conseguir sair dela sem maiores conseqüências.

Tornou a mirar o céu carregado e agradeceu aos Profetas por ter encontrado um 'teto' para passarem a noite, que não tardaria em chegar. Calculou que ainda teria uma duas horas de claridade opaca e decidiu fazer uma vistoria mais cautelosa nos destroços lá em cima. Qualquer coisa que ajudasse ambos a enfrentar as

próximas horas com o mínimo de conforto seria bem-vinda.

A busca mostrara-se frutífera, conseguira arrebanhar rações militares, água, lanternas, facas, canecas, um par de cobertores térmicos em bom estado, pá, algumas lonas, sendo uma delas grande o bastante para improvisar uma porta para o abrigo e, o item que julgou principal: um feiser. Iria precisar dele para acender uma fogueira, aquecer rochas para irradiar calor, já que a temperatura caíra drasticamente e as chances de nevar eram grandes, e, principalmente, para defender-se do inimigo se assim fosse necessário.

De volta ao abrigo, aproveitou para retirar o resto do uniforme molhado do militar, o que se mostrou ser tarefa difícil, uma vez que o paciente desacordado não cooperava muito nos movimentos. Ao fazê-lo foi forçada a admitir que o estranho tinha um corpo perfeito e agradável aos olhos. A textura alienígena de sua pele, as escamas desenhadas de forma harmônica por todo o corpo a hipnotizavam. Só não imaginava o porquê de tal sensação. Não era a primeira vez que tratava de um Cardassiano em trajes sumários. Na verdade, normalmente tal visão lhe trazia repulsa. Talvez devido àquele ar

de superioridade que freqüentemente os cercava e que faziam questão de externar. Mas naquele caso em particular, vendo-o ali deitado à sua mercê, inconsciente e estranhamente vulnerável...

FORA UMA NOITE insone para a Bajoriana uma vez que seu paciente enfrentava o período crítico para sua condição, quase não pregara o olho. A febre do militar atingia nível absurdamente alto para aquela constituição não acostumada a isso. O tom de seu rosto mudara do quase translúcido para o cinza escuro, suava profusamente em delírio febril. Gotas de suor brotavam instantaneamente na fronte irregular do Cardassiano, obrigando Anarys a se valer de um pano úmido para combater a febre. Não fosse esse cuidado, o estranho já teria sucumbido horas atrás.

Neeska ministrou-lhe medicamentos no decorrer da madrugada na tentativa de retroceder o quadro clínico desfavorável, toda vez que se fazia necessário. Observou-o murmurar em delírio, palavras desconexas em

kardasi[7], que até mesmo para o seu parco vocabulário na língua alienígena, eram suficientes para deduzir o quanto ele estava em agonia.

Por vezes o militar gritava e agitava os braços tentando deter algo ou alguém com olhos esbugalhados fitando o nada, obrigando a médica a se utilizar de toda a sua experiência para mantê-lo debaixo dos cobertores térmicos. E, apesar de muito debilitado, o oficial ainda detinha uma força descomunal.

Foi somente nas primeiras horas da manhã que finalmente o tulgryn conseguira encontrar sono tranqüilo. Completamente extenuada, a médica aproveitou para dormir um pouco, já que não havia nada que pudesse fazer lá fora com aquele tempo. Arranjou-se como pôde no espaço exíguo do abrigo enrolando-se em um pedaço de lona e pela primeira vez em quase dezoito horas relaxou. Entretanto não por muito tempo...

Anarys tremia de frio e por mais que as rochas aquecidas gerassem calor não eram suficientes para aplacar os calafrios que percorriam seu corpo exausto. Esfregava as mãos uma na outra, soprava nelas sem resultado, necessitava

[7] Língua-mãe da raça Cardassiana.

desesperadamente de uma fonte extra de calor. Foi então que seus olhos esbarraram com a figura tranqüila do Cardassiano embrulhado em dois cobertores térmicos e a idéia assaltou-lhe a mente, mas imediatamente meneou a cabeça descartando a hipótese. Contudo, reconsiderou seriamente o fato de que precisava do corpo febril do estranho para manter-se aquecida. Tudo o que tinha que fazer era esquecer quem ele era e o que representava.

Resolveu-se. Deitou-se junto ao estranho e timidamente aproximou-se até seu corpo gelado tocar o dele. O contato com aquela pele fina recoberta de escamas triangulares e estrias incomuns não fora tão desagradável assim. Além disso, o estranho tinha um aspecto peculiar que denotava asseio, unhas bem cuidadas, cabelos cortados à moda militar, o que contrastava com a maioria dos Cardassianos que tivera a oportunidade de tratar. Concluiu que ele deveria pertencer a uma casta superior dentro da sociedade Cardassiana. Neeska teve de admitir admirada que a idéia não fora tão repulsiva como antecipara, cingiu aquele corpo febril e instantaneamente adormeceu de puro cansaço.

SETENTA E DUAS HORAS haviam se passado desde que a médica resgatara o oficial Cardassiano dos destroços e o tempo ainda não dava sinal de melhora. A Garganta Ratasha era trajeto obrigatório através das Montanhas Dahkur, que conduzia à Cordilheira das Serpentes, na província Lonar. O local em questão era bem conhecido entre os Bajorianos por sua instabilidade climática. Na verdade eram bem poucos os que se aventuravam em seus caminhos, principalmente no período das grandes *K'ran*[8].

A jovem médica procurava na medida do possível aproveitar os breves momentos em que o tempo permitia, assim como seu paciente ainda prostrado pela febre, para vasculhar a região na tentativa de encontrar uma forma de abreviar sua permanência naquele charco gelado.

Mas a má sorte parecia ainda acompanhá-la.

O Honttaz, um dos muitos afluentes do rio Glyrhond, o maior em extensão e volume de toda Bajor, em alguns trechos já havia vazado, chegando a encobrir parte da parca vegetação local. Se a chuva voltasse a cair forte como na

[8] Característica climática similar às grandes monções.

última noite, o abrigo não resistiria a uma inundação.

Neeska avaliava mentalmente a situação:

Suas chances de sair dali com sucesso através do rio eram mínimas, como atestara pessoalmente. A área pela qual conseguira averiguar nas cercanias, com dificuldade, estava alagada ou bloqueada pela neve dos três últimos dias. Sem meios de comunicação, e para piorar o quadro, tinha um oficial Cardassiano como paciente involuntário seriamente ferido. Estava literalmente presa naquele lugar à mercê do tempo e foi com uma ponta de medo que vislumbrou pela primeira vez que se encontrava com sérios problemas.

De volta aos destroços com o auxílio de uma pá e algumas pedras, Neeska procurou reforçar a vala comum que fizera como última morada para o resto da tripulação. Tal cuidado não tinha cunho religioso, simplesmente preocupava-se em não atrair animais famintos, já tinha problemas além da conta. Lamentou-se por não ser capaz de retirar o corpo do piloto das ferragens na manhã do primeiro dia, restando-lhe apenas ocultar o infeliz o melhor que pôde com uma lona.

⫽⫽⫽

LÁ NO FUNDO da cratera, no interior do abrigo improvisado, alternando momentos de lucidez e confusão mental, Dukat procurava entender parte do que se passava ali.

Seu transporte acidentara-se e apesar disso sobrevivera, alguém não menos que uma nativa, saída sabe-se de onde, cuidava dele. Chegou a duvidar de que tudo não passava de um pesadelo, porém a dor em seu peito dava conta de que não estava sonhando. Na verdade, encontrava-se aparentemente vivo...

Não gostava do rumo que as coisas estavam tomando. Não ter o controle da situação era algo que detestava. Estar impotente e na dependência de um estranho, principalmente quando este era uma nativa autoritária que parecia não saber diferenciar um Cardassiano de um Ferengi. Pior que isso, que parecia estar se divertindo, e muito, com tudo aquilo!

Recordou-se de como ela o enfrentara com arrogância e de forma destemida, poucos foram os que ousaram sem sentir o peso das conseqüências. A Bajoriana que se dizia médica não aparentava temê-lo, ao contrário, notara isso em seus brilhantes olhos cor de amêndoas,

desafiando-o com sua língua ferina como se fosse uma poderosa navalha pronta para dar cabo de quem quer que se atrevesse a desafiá-la. No entanto, surpreendentemente cuidara para que se mantivesse vivo até ali.

O militar correu os olhos em volta do abrigo para depois contemplar o próprio peito ferido. Ainda bastante debilitado e sentindo um frio insuportável, voltou a dormir quase que imediatamente.

O DIA AVANÇAVA quando Neeska resolveu reavaliar mais uma vez as condições de seu paciente que dormia. A febre finalmente cedera e os sinais vitais eram mais animadores. Verificou os curativos e ministrou medicamentos necessários, vestiu o uniforme seco no oficial e o cobriu bem com os dois cobertores térmicos, e de posse do phaser tratou de aquecer as rochas novamente.

A faina tomou alguns minutos e quando julgava ter acabado arriscou uma nova saída do abrigo, mas desistiu no mesmo instante em que ouviu os primeiros pingos fortes da chuva baterem ruidosamente no teto da descarnada

estrutura metálica que servia de abrigo. Sentou-se junto à fonte de calor soltando uma imprecação e passeou a vista pelo reduzido espaço até notar a caixa de rações. E foi então que se deu conta de que estava faminta, fazia horas desde sua última refeição.

A ração não poderia ter gosto e aroma piores. Era o mesmo que ingerir nacos secos e duros de aspecto duvidoso de peixe enebriano, o único capaz de sobreviver nos rios poluídos por resíduos tóxicos das muitas usinas de extração de minério. Se a fome não fosse tanta, teria aberto mão facilmente de tal iguaria.

Enquanto lutava com seu estômago para manter a parca refeição em seu devido lugar, tornou a contemplar o militar com renovada curiosidade.

"Quem seria ele afinal?", indagava-se. A julgar pela pouca conversa que tiveram, tinha a impressão de que não se tratava de um oficial Cardassiano comum, mas alguém de importância maior. A maneira autoritária com que a tratara não deixava lastro para dúvidas. Era alguém acostumado a distribuir ordens e ser prontamente obedecido. Alguém que deveria ser temido não só por sua provável posição de destaque na cadeia hierárquica militar de

opressão a Bajor, mas por sua própria essência. Um calafrio tomou de assalto Anarys, fazendo com que se encolhesse instintivamente em puro ato reflexo de proteção.

Voltou sua atenção para o que sobrara da armadura do militar e, examinando a insígnia nela incrustada, verificou que diferia em cor e formato das demais que vira nas vestes dos oficiais mortos que enterrara, confirmando assim suas suspeitas de que o estranho era o mais graduado militar daquele veículo mal fadado.

Suas conjecturas foram interrompidas quando seu paciente dava sinais de acordar. Aproximou-se e não aguardou muito.

O tulgryn abriu finalmente seus olhos azuis sonolentos percorrendo todo o abrigo até toparem com a figura da Bajoriana.

- Como se sente? – indagou em um razoável kardasi.

O oficial não conseguiu emitir um som sequer como resposta, pigarreou e tentou novamente, assustando-se com o som nada natural de sua voz.

- Péssimo!

- Vou encarar isto como ótimas notícias sobre seu estado de saúde – brincou com o militar, que

nitidamente se esforçava para entender o que acabara de ouvir.

- Minha voz... – disse apreensivo, levando a mão ao curativo em sua garganta.

- Voltará ao normal em breve, não se preocupe – respondeu, enquanto o Cardassiano lutava nitidamente contra a confusão mental em que se encontrava – Sofreu um acidente há três dias – explicou.

- Agora me lembro... – disse, aliviado ao notar que começava a domar a mente conturbada. – E até mesmo de você... Minha tripulação? – emendou em seguida.

Anarys balançou a cabeça em sinal negativo, confirmando suas palavras.

- Não pude fazer muito por ela, já estava morta quando cheguei.

O Cardassiano pareceu consternado, para a surpresa dela. A curiosidade tão comum de qualquer paciente envolvido em um acidente fez com que o oficial a crivasse de indagações que mais pareciam um interrogatório.

- Que lugar é este?

- Garganta Ratasha, estamos abrigados dentro de parte do que sobrou de seu transporte.

O oficial exclamou espantado por finalmente ter se dado conta da situação.

- Três dias, você disse?! ...Todo este tempo e não fomos contatados por ninguém? Que providências está tomando a respeito? – o tom de sua voz demandava por explicações.

Não acreditando em seus ouvidos, Anarys despachou em alto e bom tom.

- Estou fazendo o melhor que posso, dadas as circunstâncias.

- Pelo visto é muito pouco! Três dias sem contato? Isto é inaceitável! Será que até presteza de ações teremos que ensinar a vocês Bajorianos?

A médica controlou a custo o gênio forte, respirando profundamente para em seguida relatar a situação cuspindo palavra por palavra.

- Há muita neve e chuva lá fora, a única saída daqui está bloqueada pelo gelo, isso sem mencionar que o nível rio Glyrhond está perigosamente alto – indicou com a cabeça na direção da lona improvisada como porta – Ratasha é famosa por sua instabilidade climática. O tempo aqui é voluntarioso e costuma pegar desprevenidos até os mais experientes viajantes. Nada ou ninguém entra ou sai da garganta até o tempo permitir – concluiu.

Foi a vez do militar respirar sonoramente em frustração e com o tom de voz nitidamente mais baixo perguntou:

- E quanto tempo acha que teremos de aguardar para sairmos daqui?

- Isso eu não sei dizer – respondeu, ajudando-o a tomar um gole de sopa quente – Houve um caso – continuou – de um viajante que ficou preso aqui por até vinte dias.

Ao ouvir aquilo o militar engasgou-se, fechando os olhos em completo desânimo.

- Poderia ser pior, pelo menos temos um teto sob nossas cabeças - tentou animá-lo e convencer a si mesma – Podemos enviar um sinal de socorro com os comunicadores de seu transporte, assim que o tempo permitir e me disser como.

- Receio não ser possível, todo o sistema operacional do veículo avariou-se antes mesmo de cairmos – esclareceu enfático, tomando o resto do caldo quente entregando a caneca vazia à Bajoriana.

Neeska esmoreceu ante aquela revelação, mas o militar não se dava por vencido.

- Ainda acho que devemos fazer alguma coisa.

- Como o quê, por exemplo? - Perguntou curiosa, sentando-se no lado oposto do abrigo.

O Cardassiano pareceu refletir por segundo ou dois, concluindo.

- Acho que deveria procurar ajuda. Sozinha teria maior chance. Quanto a mim, ficaria aqui

tentando acreditar que se conseguisse encontrar um meio de sair daqui buscaria socorro – estranhamente sua voz soara séria e resignada ao dizer aquilo, como se considerasse o fato consumado.

A idéia já havia passado pela mente da médica e era uma oferta tentadora, pois descobrira o quanto não gostava do Cardassiano, mas mesmo assim, não o abandonaria naquelas condições, ainda precisava de seus cuidados, muito embora bem que merecesse ser largado à própria sorte pela forma como a vinha tratando.

- Talvez faça isso se continuar a me provocar – disparou, crivando um olhar contundente na direção dele – Mas tenho idéia melhor, trate de ficar bom enquanto que eu me encarrego do resto.

O silêncio foi a resposta que sepultou a última esperança de Anarys em se ver livre da situação em que se encontrava. Concentrou-se em aquecer as rochas sem ter mais o que dizer, enquanto o militar observava calado ela sacar de sua bolsa um feiser Cardassiano. Ele instintivamente pôs-se em alerta, procurando dissimular a sua mais nova e real preocupação.

- Vejo que cuidou de 'nossa' segurança.

Anarys não se deu ao trabalho de virar-se ao perceber a que se referia o Cardassiano e, julgando-se fora de sua vista, girava a arma em suas pequenas mãos na tentativa de descobrir por que a coisa não queria funcionar.

- Talvez se soltar a trava de segurança junto ao cabo... ela funcione adequadamente – explicou, aliviado ao perceber a total falta de habilidade da nativa em manusear um feiser.

Um pequeno clique soou no abrigo, seguido de um facho de luz brilhante atingindo as rochas. De forma desajeitada, a médica guardou a arma em seu cinto, sob o olhar cada vez mais entretido do tulgryn, e tornou a arrumar as rochas com a haste metálica que retirara do peito dele.

- Creio que fui precipitado no que diz respeito à 'nossa' segurança... Do jeito que maneja este feiser, não é difícil imaginar o que mais poderia atingir com ele além destas rochas – implicou.

- Tem razão – respondeu de pronto – Sugiro que tenha cuidado com suas palavras daqui para frente, já que não costumo ser muito paciente com os de sua laia!

O tulgryn sorriu divertido e não resistiu em continuar a provocar a doutora.

- Concordamos com alguma coisa afinal! Por que não me deixa ficar com ela? - Estendeu a mão, na clara intenção de recuperar a arma.

- Não me tome por tola! – exclamou, levando a mão à cintura.

- Jamais. Se bem recordo este papel cabe a mim... Quais foram mesmo suas palavras? – levou alguns segundos fingindo puxar pela memória – "*Pode ser um tolo, mas estúpido com certeza não é.*"

- Para alguém que estava meio morto quando ouviu isso, admito que estou impressionada com sua memória.

- Um dos meus muitos atributos, doutora – gabou-se.

Largando a haste próxima à fogueira, não conseguindo ficar calada ante aquele comentário, voltou à carga.

- Um Cardassiano tolo, arrogante, orgulhoso e com boa memória... Se ficarmos aqui por mais tempo, creio que terei um perfil completo de seus *muitos atributos*.

O militar ensaiou uma gargalhada e arrependeu-se quando um forte acesso de tosse o acometeu, fazendo-o gemer de dor ao expelir sangue. Anarys imediatamente postou-se junto a ele, ajudando-o a se refazer.

- Se continuar assim não terá mais que se preocupar em ter seus miolos espalhados por todo o abrigo por seus apartes infelizes – admoestou, apontando para a arma em sua cintura – Vamos, beba um gole d'água e procure descansar – ordenou entregando-lhe uma caneca.

A médica foi prontamente atendida.

///

A MENTE DE DUKAT trabalhava em vão buscando entender aquela nativa. Conhecera muitas delas desde sua chegada a Bajor, algumas intimamente até. Sabia por experiência que o padrão de comportamento delas contrastava bastante com o que tinha depreendido na pouca conversa que tiveram.

Por que se dera ao trabalho de salvar-lhe a vida? Tudo em nome da medicina? Difícil acreditar. Afinal todo o planeta se encontrava subjugado por Cardássia há anos! Havia ódio demais naquela gente. Ódio que se transformou em ousadia com o passar do anos, sob a forma da renitente e incômoda Resistência Bajoriana, uma verdadeira dor de cabeça para o Comando Central.

Entretanto, estava diante de alguém que parecia estar acima deste sentimento. Como isso podia ser possível? Todo Bajoriano tinha uma história triste para contar, nenhum que não tivesse sentido o peso da opressão.

A julgar pela aparência simples de camponesa que tivera a rara oportunidade de instrução acadêmica, presumiu acertadamente que a família da doutora tivera suas terras confiscadas, seus entes queridos presos ou mortos. Por que se importava com a sorte do inimigo ferido a ponto de pôr sua própria vida em risco? Recordou-se então de que não era o primeiro Cardassiano de quem cuidara. Bastante incomum este comportamento. Teria ela um espírito tão nobre e despojado assim? Não fazia nenhum sentido para ele.

Analisando melhor, era bem possível que a camponesa de olhos cor de mel tivesse planos mais ousados no que diz respeito à sua sobrevivência. Considerou o fato de ela talvez pertencer à Resistência Bajoriana conhecida por Shakaar. Quem sabe na mente simplória da atraente nativa, sua 'captura' rendesse um bom par de informações atualizadas? Mas o que certamente ela desconhecia é que dificilmente arrancariam alguma coisa dele, sua mente

disciplinada desde a mais tenra idade fora treinada a resistir até mesmo a exploração mental Vulcana. Além do quê, mesmo ferido não seria tarefa fácil levá-lo como prisioneiro, sobretudo depois de vê-la manusear uma arma de forma tão desajeitada. Suas deduções o levaram a desconsiderar a teoria por enquanto, pelo menos até conhecê-la melhor.

APÓS MANTEREM silêncio por quase uma hora, cada um mergulhado em conjecturas e preocupações, Dukat, sentindo-se mais revigorado e com a voz ainda descaracterizada pela recente traqueotomia, decidiu que era hora de extrair novas informações daquela incomum e intrigante Bajoriana.

- Ainda não sei o seu nome. Como se chama?

Chegara a hora das apresentações, Neeska finalmente iria satisfazer sua mal contida curiosidade. Sentada do lado oposto do abrigo junto à fogueira, procurando disfarçar sua ansiedade, continuou a arrumar o kit de emergência.

- Doutora Anarys Neeska.

- Pela inflexão de sua voz noto que se orgulha de seu título, doutora – provocou, dando ênfase às suas palavras.

- E por que não deveria? Não faz idéia do sacrifício que minha família fez para que eu tivesse a chance de me tornar médica!

- Não duvido disso, admiro pessoas perseverantes e arrojadas – após pequena pausa prosseguiu – O que uma obstinada doutora faz neste fim de mundo, se é que posso perguntar?

Neeska esfregou as mãos junto às rochas aquecidas e voltando sua atenção para o militar respondeu.

- Vou onde meus serviços são necessários.

- Sua dedicação é comovente.

Farta daquele interrogatório, Neeska procurou mudar o rumo da conversa.

- Também não ouvi ainda dizer o seu nome.

- Perdoe-me a falta de boas maneiras – disse em nítido tom de troça, tentando retardar a resposta, indagava-se intimamente se deveria satisfazer a curiosidade da nativa a seu respeito, já que seu nome estivera atrelado recentemente a um episódio deveras desagradável com grande repercussão em Bajor – Mas não sei se devo, pois corro o risco de ser abandonado à própria sorte.

Anarys franziu o pequeno nariz Bajoriano, fazendo uma careta de puro interesse irrequieto.

- O que será que fez de tão terrível que o destaca dos demais Cardassianos que nos oprime, eu me pergunto?

- Muitos temem a simples menção de meu nome...

- Vocês Cardassianos adoram impressionar. Se sua intenção era esta, sinto dizer que não obteve sucesso – disse falseando receio.

Dukat mordeu os lábios ressecados pelo frio, mal contendo o sorriso. Descobrira uma forma divertida de passar o tempo naquele lugar, incitar a nativa até vê-la perder o controle. Manteve o silêncio como instrumento de provocação sem desgrudar os olhos dela, aguardando nova explosão emocional, o que não tardou a acontecer.

- Escute, se não quiser dizer seu nome, tudo bem, não vai fazer diferença alguma, Cardassiano!

Vitorioso finalmente revelou.

- Tulgryn Dukat – disse, com o melhor que sua voz podia oferecer no momento.

A médica a princípio não esboçou qualquer reação ante o impacto daquele nome, ficara atordoada na verdade. Um sentimento de

desprezo mesclado ao ódio invadiu-lhe o interior e teve de lutar contra sua natureza que a impelia a sacar o feiser dando cabo da criatura abjeta. Estava diante do Exterminador de Ydek, como ficara conhecido na região de Navot.

Tulgryn Dukat fora enviado pelo Comando Central especialmente para negociar a libertação do oficial responsável pelo campo de trabalhos em Ydek. Administrou pessoalmente as negociações, iludindo os líderes rebeldes com falsas promessas, enquanto articulava um plano diabólico de invasão, que acabou culminando com a morte dos cabeças da rebelião. E, para demonstrar que atos daquela natureza não seriam tolerados, selecionara ao acaso meia centena de prisioneiros, dez para cada Cardassiano morto, e os executou perante a todos no campo.

Tal feito chamou a atenção do Comando Central, que acabou por conferir a ele a função de supervisor responsável por um conjunto de campos e minas no território de Navot, sem mencionar que o Comando Central passaria a acompanhar com renovada atenção a atuação do jovem e promissor tulgryn.

Não mais se contendo, Neeska despejou-lhe um olhar repleto de desprezo.

- O Exterminador de Ydek em pessoa – disse com desdém – Conheci algumas famílias que perderam seus entes queridos no massacre que liderou.

- Massacre? Você não sabe o que está dizendo! – exclamou surpreendido com a ousadia da Bajoriana.

- Não conheço palavra melhor que defina a morte daqueles inocentes! – altercou-se.

- Prisioneiros inocentes que mataram bons oficiais Cardassianos no cumprimento do dever – rebateu pausadamente, com uma calma que lhe era peculiar.

- Sim, cumpriam seus deveres privando bons cidadãos de Ydek do direito à liberdade, trancafiando-os em um campo que sutilmente vocês denominam de trabalhos, mas que na verdade não passa de um matadouro! – explodiu finalmente, em ira incontida.

Entediado com o rumo da conversa, Dukat resolveu encerrar o assunto.

- Não pretendo perder meu tempo justificando meus atos a você.

- Isso não será necessário, os fatos falam por si mesmos!

- Não faça julgamento baseado no que ouviu contar, doutora, não estava lá para atestar a

veracidade dos acontecimentos, eu sim! – disse, pela primeira vez demonstrando alguma irritação.

- Nada do que venha a me dizer irá mudar o que sinto a respeito, ou trazer de volta os prisioneiros que você mandou executar!

- Tem razão – concordou com o olhar vago, para espanto dela – Mas evitei que o massacre a que se referiu não se tornasse algo pior como, por exemplo, o extermínio de todos os 1.200 prisioneiros no campo, como desejava o Comando Central.

A médica pareceu surpreendida, conforme previra o tulgryn.

- Como pode ver, doutora, - continuou - mesmo um oficial Cardassiano nem sempre concorda com as decisões militares de seus superiores. Alguns possuem o bom senso de argumentar e procurar mostrar que a matança indiscriminada só gera mais violência e traz conseqüências desagradáveis.

Anarys continuou sem palavras.

Ajeitando-se debaixo do cobertor térmico, Dukat deu fim à conversa.

- Estou cansado e tenho frio – virou-se para o lado, adormecendo quase que imediatamente.

Anarys aproveitou o momento para extravasar sua raiva longe dali, enrolou-se em um pedaço de lona e sem se importar com o frio deixou o abrigo, rumando sem direção, tentando entender o que se passara há pouco.

O petulante Cardassiano a enervara ao extremo com suas boas maneiras e fala macia. A forma como ele a tratara, arrotando orgulho e superioridade -- nem ao menos ouviu dele qualquer agradecimento por tudo que estava fazendo.

Era óbvio que ele mentira a respeito de Ydek. Não estivera lá, é verdade, mas sabia dos fatos através de fontes dignas de crédito, e, mesmo que fosse verdade, o que importava? Inocentes Bajorianos morreram e ele fora o responsável.

Quase se arrependia de ter-lhe salvo a pele, mas era algo que não podia evitar, tornara-se mais forte que ela o impulso de ajudar quem necessitasse de suas habilidades, fosse Bajoriano ou não. Haadra, sua amiga inseparável de infância, jamais concordou com este seu comportamento. Costumava dizer que ele ainda seria motivo de muitas dores de cabeça. E como estava certa. Se ela pudesse vê-la agora...

Irritava-se consigo mesma por agir. Odiava o jugo Cardassiano como qualquer outro em Bajor,

ele fora responsável pela dizimação paulatina de sua família. Estava cansada de tanta degradação, privação, humilhação e, principalmente, cansada de tantas mortes sem sentido.

Lágrimas desciam de seu rosto agora vermelho ao recordar a morte dos pais quando ainda era menina, e de como não fora capaz de pranteá-los, tamanho o impacto causado pela perda. Um soluço alto lhe trouxe a dor mais recente, o único irmão que lhe restara fora morto em uma prisão Cardassiana, sob suspeita de pertencer à Resistência. Golpe duríssimo de assimilar, a perda de Seeto. Uma sensação de vazio e solidão invadiu seu interior sufocando-a. Chorava agora copiosa e abertamente pela primeira vez suas perdas, apoiada em uma rocha.

Só foi bem tarde da noite que retornou ao abrigo, completamente congelada. Aqueceu as rochas e escorregou para debaixo do cobertor térmico onde o militar parecia dormir. Procurou fazer o mesmo, porém, sabia que o sono tardaria a chegar, a angústia que experimentava nos últimos dias começava a afetá-la, e prova maior fora o seu desabafo lá fora, ao tempo. Não era de seu feitio, sempre se julgara forte, capaz de suplantar a tudo e a todos. Entretanto,

encontrava-se abatida, e um nó na garganta voltara a importunar quando a voz grave do militar reverberou no abrigo, assustando-a:

- Uma médica deveria saber que não é muito saudável empreender longos passeios com um tempo destes.

Refeita do susto respondeu.

- Pensei que dormia.

- Fazia isto até o seu corpo gelado tocar o meu. O que está pretendendo, doutora, congelar-me também ou... Será esta é uma nova tática de sedução Bajoriana que desconheço?

Neeska bufou impaciente, procurando encerrar a conversa mal contendo um soluço.

- Guarde seus comentários sem graça para outra hora.

Dukat percebeu a voz embargada da mulher e não foi difícil imaginar o porquê do demorado passeio.

- Alguma coisa a perturba, doutora?

Não houve resposta. O militar guardou silêncio e aproveitou a perda do sono para avaliar o novo fato.

QUINTO DIA E o tempo não dava o menor indício de melhora. Apesar da neve e da chuva, Neeska saía do abrigo invariavelmente para verificar as condições do rio e, desanimada, retornava. Não havia muito que fazer por ali, a não ser aguardar. E a espera estava se tornando uma tortura para ambos. Procurava manter-se ocupada do lado de fora do abrigo o máximo que podia, por não agüentar mais os queixumes do militar a respeito do frio. Nada do que fizesse era suficiente para mantê-lo aquecido, não era sua culpa se sua constituição Cardassiana era pouco afeita a baixas temperaturas. Contudo, o que mais a irritava era o fato de ele ter desenvolvido o mórbido hábito de divertir-se com ela -- seus apartes habilidosos constantemente a conduziam a uma explosão de puro descontrole. O relacionamento dos dois não podia ser pior. Olhou para o céu carregado e resolveu retornar ao abrigo a contragosto.

De volta à carcaça metálica examinou o militar e procurou descansar um pouco, tivera um dia longo e cansativo. Acomodou como pôde seu paciente que aparentemente dormia e em seguida deitou-se ao seu lado, como fizera nas noites anteriores, garantindo desta forma manterem-se aquecidos.

Neeska podia ouvir a respiração entrecortada de Dukat, que apesar dos cobertores térmicos ainda tremia de frio. Aconchegou-se colando mais ainda o seu corpo no dele desejando pegar logo no sono e ver aquele dia findar de vez. Permitiu que sua mente fatigada se distanciasse e que seus músculos relaxassem. De repente, um movimento involuntário do oficial a assustou ao sentir alguma coisa roçar sua coxa, abriu os olhos imediatamente protestando.

- COMPORTE-SE!

Pego de surpresa o Cardassiano levou alguns segundos para entender o protesto. Esboçou um sorriso malicioso nos lábios, voltando a fechar os olhos, e com um sarcasmo peculiar respondeu elucidativo:

- É apenas um feiser, doutora, não há o que temer, eu lhe asseguro.

Não estando muito convencida disso, Neeska lutou contra o impulso de levar a mão até a coxa, mas não queria dar margens a mais uma querela com o irritante tulgryn. Porém não pôde se furtar a comentar.

- Pensei ter sido minuciosa na busca deste item em particular!

Ainda conservando o sorriso nos lábios, o reptilóide prosseguiu:

- Doutora, as probabilidades de se alocar armas em um uniforme militar são grandes. Um bom soldado sempre anda prevenido.

- Pode ser... – respondeu ainda incrédula, desejando estar em qualquer lugar menos ali.

- Não há com que se preocupar, - continuou, encantado em provocar a nativa - Não estou em condições no momento de exercer o tipo de atividade que sua mente maliciosa sugeriu há pouco. Tranqüilize-se, está tão segura deitada aqui comigo quanto repartindo sua cama com uma criança.

A Bajoriana tentou explicar-se, constrangida:

- É... Natural que eu duvide... Afinal... É um soldado Cardassiano... A fama de vocês é conhecida por toda Bajor!

- Verdade? – fingiu surpresa.

Neeska evitou fitar o oficial, sentindo-se nada à vontade com tudo aquilo. Ainda abraçada a ele, deixava-se levar pelo sobe e desce ritmado da respiração do militar, que por sua vez mantinha-se impassível, olhos fechados, limitando-se a respirar lentamente e a manter-se aquecido o quanto possível, agradecido de tê-la junto a si doando-lhe calor corporal. Era obrigado a concordar que não seria nada difícil a situação maldosa sugerida por ela instante atrás ocorrer

com ou sem condições físicas, apesar de 'inimiga', a doutora era deveras atraente...

Não resistindo à tentação, voltou à carga só para testar-lhe o limite.

- Além do mais, você não faz meu tipo, se quer saber.

- Que os Profetas digam Ahosk! – praguejou entre os dentes, acompanhado de qualquer coisa como "Quem ele pensa que é?", para finalmente explodir em voz alta: – Se não tiver nada mais aproveitável para dizer, então sugiro que vá dormir e me deix...

- Sim, tenho mais uma coisa que gostaria de dizer – revelou subitamente com o tom de voz sério, após uma curta pausa fazendo algo que julgava impossível.

- Obrigado por tudo o que está fazendo por mim.

Toda a raiva e descontrole desfez-se como que por encanto. Ele fizera de novo, parecia um encantador de serpentes, e na verdade era a própria! Conduziu habilmente a conversa, incitando algo que novamente imaginava inconcebível. Levou-a a ponto de apopléctica combustão para sem mais nem menos dizer alguma coisa perfeitamente sincera e razoável. Provocou-a com sucesso e, de forma rápida e

irracional, Anarys se deixou induzir. A médica se perguntava se alguma vez alguém já tivera a ousadia de brincar com os seus sentimentos daquela maneira, como se fossem notas graves e agudas escapando de algum instrumento de sopro Klingon. Não, definitivamente não! Dukat fora o primeiro, o único, e isto a aborrecia profundamente.

Ainda não aprendera como enfrentar este tipo de situação sem perder o controle, mas descobriria uma forma...

- Não agradeça, sou médica e este é meu trabalho – rebateu constrangida, com um fio de voz falseando uma firmeza que estava longe de existir, e antes que o outro pudesse se armar com nova pergunta ordenou secamente, tentando ganhar tempo para destrinchar o que se passava em seu ser:

- Agora volte a dormir!

- Não posso doutora, creio que perdi o sono...

- Mas eu não, boa noite! – encerrou o assunto, cobrindo a cabeça com o cobertor térmico com tamanha determinação que acabou por arrancar um gemido de dor do Cardassiano.

Tornou a fechar os olhos e passados alguns minutos, quando pensava seriamente que o outro dormira, ouviu-o chamar por ela:

- Doutora?

- O que foi agora? – suspirou alto, soltando um muxoxo impaciente.

- Se você fizesse o meu tipo... Se eu estivesse em condições e... eu a abordasse... Repeliria meu avanço?

Foi por muito pouco que Anarys não se levantou, agarrada a um dos cobertores, para procurar lugar no canto oposto do abrigo, deixando seu paciente gelar até a morte. Em vez disso, controlou-se com dificuldades.

- Não consegue ficar acordado e em silêncio ao mesmo tempo?

Ele não respondeu à provocação. Em vez disso, perguntava-se porque uma atraente nativa, médica, arrogante, que parecia não temê-lo apesar de saber de quem se tratava, teimava em aninhar-se em seu peito doando o seu próprio calor corporal para salvar-lhe a vida. Era algo que ainda não tinha resposta, por mais que buscasse em sua mente um argumento válido. Também, para ser sincero, não podia negar o quanto aquilo o 'aquecia' de outra forma...

O TEMPO AINDA estava enfarruscado, mas pelo menos o vento amainara e a chuva dera uma trégua naquela manhã, embora não se pudesse dizer o mesmo do frio. Neeska providenciou uma reduzida refeição matinal com as rações que conseguira pegar dos destroços do veículo transportador.

"Rações Cardassianas... Se não estivesse tão faminta passaria muito bem sem elas!" – pensou, fazendo cara de asco enquanto usava o feiser para esquentar um pouco de *fasrushss*[9]

Anarys não se dera conta de que era observada há algum tempo pelo tulgryn.

- Já acordado? – perguntou, ao perceber que era objeto da atenção do Cardassiano, voltando em seguida a cuidar da sopa que exalava um odor desagradável demais para seu gosto.

- O aroma da refeição me despertou.

- Por que será que não me surpreendo?

- Estou faminto.

- Aceito isto como uma melhora em seu quadro clínico. Como passou a noite? – indagou com interesse médico, decidindo que o caldo ainda não se encontrava quente o bastante.

---

[9] Sopa quente à base de peixe. Bebida muito apreciada no desjejum Cardassiano.

- Bem. Agradavelmente aquecido, eu diria – respondeu tentando ajeitar-se melhor debaixo das cobertas para em seguida começar seu jogo favorito, o de irritar a mulher.

- Espero que a recíproca seja verdadeira apesar do mal-entendido da noite passada.

Neeska olhou por cima do ombro na direção de seu interlocutor sacudindo levemente a cabeça, prometendo a si mesma que se esforçaria para não se deixar levar por suas provocações. Ajudou-o a sentar-se e aproveitou para ministrar-lhe o dermogel nas queimaduras, principalmente nas costas e braços, sem se descuidar de mantê-lo aquecido. Trocou os curativos do peito bem como o da garganta, onde fora feita a traqueotomia. Por todo o processo medicamentoso era sempre acompanhada pelo olhar atento de um Dukat surpreendentemente passivo e quieto.

Tinha que admitir que a recuperação de seu paciente progredia a passos largos. Aliás, isso não a surpreendia; por experiência sabia que era coisa comum entre Cardassianos saudáveis. Como gostaria de ter podido aprofundar seus conhecimentos em xenofisiologia. Mas com a ocupação de Bajor isso se tornara impossível. Toda e qualquer informação requerida por

Bajorianos passava pelo crivo de seus opressores. A burocracia proposital era tamanha que desanimava qualquer um.

Retornou com o desjejum e observava silenciosamente o Cardassiano saborear com grande satisfação a sopa quente.

- Não sei como conseguem ingerir isto! – disse girando o caldo dentro da sua própria caneca, procurando retardar o inevitável.

Após sorver mais um gole da sopa, Dukat se manifestou.

- Admito que qualquer alimento transformado em ração perde muito suas propriedades degustativas, tornando-se intragável para a maioria, mas tudo é uma questão de costume.

- Ou necessidade – entornou goela abaixo de uma só vez a sopa sob o olhar divertido do militar que não deixou de notar a cara feia e o esforço que ela fazia para não cuspir o caldo.

- Ora, doutora, surpreende-me este seu comportamento. Afinal é público e notório que vocês Bajorianos não são muito exigentes no tocante à alimentação. Prova disto é a sua culinária pobre, insipiente, desprovida de qualquer criatividade e requinte. Veja como exemplo...

A médica esforçava-se em dar atenção ao assunto, quando uma onda de náusea a colheu de súbito. Levantou-se abruptamente levando a mão à boca largando a caneca próxima a Dukat, que, encantado por sua própria voz, ainda tecia comparações entre as cozinhas Cardassiana e Bajoriana, enquanto ela corria para fora do abrigo em direção ao banheiro improvisado, a fim de aliviar seu estômago revirado.

- Doutora, precisa de ajuda? – perguntou, falseando alguma preocupação ao notar de que não era o centro das atenções.

- DEIXE-ME EM PAZ... – Exclamou, seguindo um sonoro engulho.

///

SÉTIMO DIA.

Neeska ocupava-se em verificar se o abrigo improvisado que construíra para protegê-los do tempo estava firme, pois detestaria enfrentar de novo a chuva para recolocar a lona e todo o resto no lugar, como na noite anterior.

Dukat praticamente recuperado, sendo o frio ainda o maior de seus queixumes, espiou por um pequeno buraco na fuselagem da estrutura o tempo e desanimou-se. Voltou a deitar-se

praguejando baixinho, pondo-se a pensar num modo de fazer contato com o mundo lá fora.

A Bajoriana entrou em silêncio no abrigo sentando-se próxima às pedras incandescentes, buscando aquecer suas mãos enregeladas.

- Logo vai anoitecer e as chances de mais chuva são grandes – informou finalmente, direcionando as palmas das mãos para a fonte artificial de calor.

- Quando é que vai trazer boas notícias para variar? – indagou irritado o frustrado militar.

A médica largou-lhe um olhar reprovador balançando a cabeça, provando o quão difícil estava sendo aquela relação.

- Estas são as boas notícias! Quer ouvir as más agora? – friccionou as mãos buscando aquecê-las e sem tirar os olhos dele despejou o relatório completo da situação – O nível do rio subiu cerca de meio metro desde ontem e se a chuva for intensa como promete corremos o sério risco de nos afogarmos neste buraco, sem falar que... Que não estamos sozinhos aqui... – revelou.

- O que disse? Como assim, não estamos sozinhos? - Perguntou curioso, encostando-se na parede do abrigo todo atenção.

- Ouvi barulho vindo lá de cima do buraco e fui verificar, mas a bruma não me deixou enxergar

muito longe. Contudo percebi que uma das caixas de rações que eu havia deixado para pegar mais tarde desapareceu.

Dukat refletiu levando a mão ao rosto, acariciando as estrias salientes de seu queixo.

- Provavelmente algum animal preso conosco neste charco, sem dúvida.

- Animal sim, mas não um. Uma matilha de *horricats*[10].

- Tem certeza? – inquiriu preocupado, olhando firme a médica, recordando-se de que certa vez vira um soldado sob seu comando ter o braço desmembrado por um horricat e, pelo que soubera depois de abatê-lo, aquele tinha sido somente um filhote.

- Absoluta – meneando a cabeça, confirmando suas suspeitas - As pegadas dão conta de pelo menos cinco deles. Some-se a isto que estamos no período das grandes K'ran, eles estão presos aqui assim como nós e presumo que estejam famintos, e já sabe que estão farejando nossa pista, por assim dizer.

[10] Felino selvagem similar ao tigre terrestre de presas enormes.

Num gesto automático Dukat começou a levantar-se, recebendo os protestos de Anarys ao entender quais eram suas intenções.

- Onde pensa que vai?

- Certificar-me de nossa segurança.

- Ficou louco? Mal consegue ficar de pé! Seria presa fácil lá em cima! - explodiu, obrigando o oficial a voltar para debaixo das cobertas – Seu ferimento ainda não sarou o suficiente, os horricats só precisam farejar seu sangue para descobrir onde estamos exatamente.

- Doutora, se acha que vou ficar aqui parado esperando para servir de repasto para uma matilha faminta de horricats está enganada! Além do quê, – continuou - preciso buscar algo nos destroços que pode nos ajudar a sair daqui!

- Que história é esta? Pensei ter ouvido dizer que todo o sistema de comunicação da nave avariou-se antes mesmo de caírem aqui!

- Exato, mas lembrei-me de que bem abaixo do painel que monitora o fluxo das naceles da nave existe um pequeno dispositivo de carga iônica que, se estiver funcional, sendo devidamente ajustado ao seu bioscanner e ao meu comunicador pessoal, poderia emitir um sinal de socorro e nos tirar deste buraco gelado!

A Bajoriana ainda com o dedo em riste junto ao nariz do Cardassiano refletiu para finalmente decidir-se:

- Diga-me como se parece este dispositivo e eu o trago para você.

- Agora quem é o louco aqui? – moveu a cabeça em sinal de desagrado.

- Não se trata de loucura e sim de condições físicas. Não há tempo para o seu machismo idiota – refletiu por um segundo – Ouça, Dukat, não me agrada nem um pouco a idéia de ir lá em cima e dar de cara com a matilha inteira, mas não temos escolha, a menos que tenha uma idéia melhor, estou aberta a sugestões, caso contrário assunto encerrado!

O Cardassiano não tinha com o que argumentar, se quisessem sair dali teria que ser do jeito dela, pelo menos desta vez. Dukat fitou-a, concordando a contragosto.

- Então será do seu jeito... – e seguiu-se uma explicação de como a doutora deveria proceder para reaver o dispositivo.

///

A NATIVA encontrava-se pronta para ir à superfície quando o tulgryn, de pé e enrolado em

um cobertor, entregou-lhe seu pequeno e eficiente feiser pessoal, retirando do cinto da médica o que ela carregava para aquecer as rochas.

- Tome, vai precisar de uma arma de precisão.

A nativa encarou a ambos com misto de surpresa e graça ao se lembrar das inúmeras probabilidades de se 'esconder' objetos em um traje militar.

- Não teria por acaso escondido em seu uniforme um dispositivo iônico funcional, teria?

O militar esboçou um sorriso tornando menos tensa a situação, para em seguida explicar o manuseio de forma segura da arma feita sob medida para ele.

- Cuidado, ajustei-a para matar. Tudo que tem a fazer é mirar e pressionar este botão, mas não se esqueça de liberar a trava de segurança aqui, está vendo?

- Não se preocupe, vou me lembrar – examinou a arma detendo o olhar nas iniciais S.G. Dukat no cabo.

A médica guardou-a no cinto e começou a subir o buraco quando percebeu que o oficial a acompanhava.

- Onde acha que vai? Volte e espere por mim no abrigo!

- Não se cansa de dar ordens, doutora? Alguém precisa lhe dar cobertura e não vou aceitar um não como resposta – Anarys encarou o Cardassiano surpresa.

- Quem sou eu para recusar tal oferta.

COMEÇAVA A escurecer.

Ambos encontravam-se na boca da cratera avaliando o perímetro até onde a vista podia alcançar devido ao mau tempo. O local estava aparentemente calmo e não havia sinal da matilha. Através de gestos, o militar mostrou onde exatamente ela procuraria pelo dispositivo e, em seguida, fez de novo um resumo de como ela deveria proceder. A médica assentiu com a cabeça, visto não haver mais nada a ser explicado. Verificou uma segunda vez o feiser em sua cintura e preparou-se para abandonar o refúgio quando o oficial segurou-lhe o braço.

- Ainda acho que eu deveria ir. Não gosto disso... – confidenciou.

- Eu menos ainda, mas como disse há pouco, situações desesperadas exigem...

- Exigem medidas desesperadas – completou arrependido – É, eu sei, não devia ter dito isto para começar...

Antes que ela partisse comentou gentilmente, quase que pra si mesmo.

- Que seus Profetas não lhe faltem.

A jovem sorriu e seguiu caminho enquanto ele destravava outro disruptor procurando uma posição estratégica.

Neeska deixou a cratera lentamente dando-se conta de que foi a primeira vez que o todo-poderoso e temido tulgryn Dukat parecera demonstrar alguma preocupação para com ela. Se as circunstâncias não fossem tão adversas, teria achado graça daquilo. Entretanto, concentrou-se no terreno à sua frente, tratando de executar logo o que tinha para fazer.

Observou atenta à sua volta, e nem sinal da matilha. Calculou a melhor trilha a seguir e encetou caminho de forma ágil, evitando as poças d'águas e o gelo fino depositado traiçoeiramente ao solo, e rapidamente alcançou a carcaça metálica.

ENREGELADO NA beira do buraco, Dukat tentava não tremer com o frio, observava atentamente os progressos de Anarys esquadrinhando toda a área sem nenhuma dificuldade; era de conhecimento geral que Cardassianos possuíam uma visão noturna invejável. Conseguiu visualizar a médica quando ela entrou na carcaça, e então aliviado deu-se conta pela primeira vez em horas de que o ferimento no peito voltara a doer. Demonstrou isso com uma careta, mas havia coisas mais urgentes clamando por sua atenção.

Todavia o tempo passava e Neeska continuava dentro dos destroços.

- Por que a demora? – indagava-se o experimentado militar, implicando com o atraso excessivo.

- Má idéia, não deveria ter cedido! – censurou-se.

Ajeitou-se novamente em seu posto impaciente, quando finalmente avistou Anarys sinalizando para ele com o dispositivo iônico em uma das mãos.

- *Rohpo dass!*– disse satisfeito para si mesmo em kardasi, indicando que a área estava limpa.

A BAJORIANA aproximou-se, entregando o dispositivo.

- Tome, aqui está a minha parte, o resto é com você.

Girou nos calcanhares na direção de onde tinha vindo quando Dukat com um movimento rápido agarrou-lhe o tornozelo sussurrando.

- Aonde vai?

- Vi a nossa caixa de rações desaparecida logo ali.

- Não acha que está abusando da sorte, doutora? – irritou-se com a súbita mudança de planos.

- Acalme-se, não há sinal da matilha. Volto já! – desvencilhando-se partiu, não dando tempo para o Cardassiano detê-la.

- Volte aq... Criatura teimosa! – protestou, contendo novo surto de dor na região do ferimento. Depois de inspecionar a área dos destroços atentamente, voltou sua atenção para o dispositivo, examinando-o detidamente por alguns minutos, quando julgou ter ouvido alguma coisa. Silenciosamente, guardou no bolso o dispositivo e alcançou sua arma, pondo-se em alerta. Para seu desagrado, avistou um horricat caminhando por entre os destroços.

NEESKA ENCONTROU o que procurava, verificando satisfeita que os felinos não conseguiram abrir a caixa, apesar de suas presas enormes e garras afiadas. Deu meia volta na franca intenção de retornar ao abrigo quando um rugido chegou aos seus ouvidos, trazendo junto um arrepio que percorreu sua espinha.

- Profetas Sagrados! – sussurrou mordendo os lábios apavorada enquanto virava-se lentamente para o local de onde viera o som.

Não foi preciso procurar muito. Lá estava a criatura, ainda não a vira, mas desanimou-se ao notar que estava a favor do vento e que seria questão de segundos para ser descoberta. Lembrou-se petrificada de que tais felinos possuíam o mórbido costume de brincar com sua 'refeição' momentos antes de trucidá-la. O líder da matilha, geralmente o de maior envergadura, encarregava-se de derrubar a caça imobilizando-a para em seguida rasgar músculos e tendões com suas enormes garras, cuidando para que tais ferimentos não levassem sua presa à morte imediata e, com um urro poderoso, sinalizava para o resto da matilha, que imediatamente

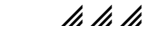
atendia ao chamado, circundando a vítima ainda viva. E a brincadeira seguida do festim começa.

Imaginar aquilo foi muito pior que verter um caldeirão inteiro de sopa Cardassiana!

Tentando dominar seus instintos que ansiavam por detonar um berro e correr, Anarys permaneceu estática observando a fera de pelagem rajada revirando um destroço com ar faminto. Como se farejasse seu medo, o animal parou de fuçar o que parecia ser parte de um traje militar com o que restara do seu dono infeliz dentro, agora equivalente em ossos. Ao que parece o gelo não fora obstáculo suficiente para que encontrasse a cova em que enterrara o resto da tripulação, e com um movimento ágil a fenomenal criatura virou-se na direção da médica rosnando alto, tendo seu eco reverberado por todo o perímetro, trazendo outros urros em resposta não muito longe dali.

Neeska retesou-se procurando recobrar o controle. Cada fibra de seu corpo aguardando o momento de ser acionada. Lentamente, sem deixar de acompanhar o movimento do animal, alcançou o feiser em seu cinto e destravou-o conforme Dukat a ensinara. O horricat de pelagem vermelho-clara com listras arroxeadas aproximou-se cautelosamente avaliando sua

vítima, talvez indeciso quanto à melhor forma de atacá-la ou, quem sabe, apenas dando esta impressão, já que por vezes caçava em bando.



O CORAÇÃO DA doutora estalava no peito e a respiração ofegante, conseqüência da adrenalina correndo em seu sistema circulatório, trazia ondas de suor intenso apesar do frio quase glacial. Finalmente o horricat decidiu-se pelo ataque frontal e preparou-se, firmando-se nas patas traseiras, presas projetadas num sorriso horrendo. Anarys fez mira e esperou o momento certo para o disparo.

A descarga fora curta e eficaz. O felino jazia morto abatido em pleno salto aos seus pés. Ainda assustada observava a criatura sem vida. Saiu de seu transe quando ouviu uma nova descarga de feiser explodir às suas costas, seguida do baque abafado de alguma coisa caindo ao solo e Dukat berrando a todo pulmão.

- ANARYS, CORRA!

Suas pernas conseguiram ser mais rápidas que a mente, como um autômato a Bajoriana não fez outra coisa senão obedecer, apenas procurava visualizar o caminho naquele nevoeiro espesso e

rezar para que chegasse em segurança ao abrigo. Nunca a trilha de volta parecera tão longa. Finalmente enxergou aliviada Dukat acenar na sua direção freneticamente, sorriu satisfeita, jamais imaginou que fosse ficar contente em vê-lo. Estava a salvo, alguns metros mais e o pesadelo terminaria.

"Por que continua acenar feito um louco?" - pensava intrigada, juntando a euforia à aparente segurança.

De repente viu o Cardassiano pôr-se de pé na beirada da cratera jogando para o lado o cobertor, apontando o feiser na sua direção, e então compreendeu tardiamente que a má sorte ainda a acompanhava...

Um horricat saltou do alto de uma rocha por sobre as costas dela derrubando-a e, com o peso do corpo distribuído em suas patas, o felino forçou os ombros da vítima contra o solo, imobilizando-a.

Anarys fechou os olhos, experimentando o sabor da terra ocre encharcada e fria trazendo à mente o mórbido costume de tais criaturas. Tentou levantar-se e alcançar o feiser caído próximo a ela, mas um urro medonho a fez desistir de imediato. Esperou pelo pior.

Com um movimento rápido o animal penetrou com precisão suas garras no ombro da médica, que gemeu ao sentir as afiadas 'lâminas' transporem sua pele. Uma vez equilibrada por sobre a vítima a criatura abriu sua bocarra expondo as presas descomunais e, disposta a liquidar o assunto, buscou pescoço de sua caça impotente quando o impacto mortal de uma descarga certeira selou sua sorte.

- Levante-se!... Vamos! – ordenou aos berros Dukat, ainda de pé examinando com a mira da arma as cercanias em busca de outro possível felino.

Sentindo-se zonza, levantou ainda agarrada à caixa de rações, mas não sem antes alcançar o feiser, e pôs-se a correr de forma trôpega até atingir a borda da cratera, atirando-se dentro dela num mergulho nada calculado, levando inclusive o Cardassiano junto para o fundo.

⫽⫽⫽

APÓS ROLAREM PARA dentro do buraco, ambos se deixaram ficar por alguns minutos a fim de se refazer do susto. A voz grave de Dukat encheu o ar com indisfarçado tom de reprovação e censura.

- Definitivamente você cultiva o péssimo hábito de não medir as conseqüências de seus atos.

- Apenas pensava em nosso bem-estar – respondeu, com a voz estranhamente arrastada.

- Por uma caixa de rações Cardassianas que tanto abomina?! Eu deveria ter previsto! – exclamou incrédulo. Uma rápida pausa seguida de uma respiração profunda foi o tempo necessário para que o tulgryn indagasse.

- Você está bem?

- Aa...cho que sim... – respondeu tentando levantar-se e desistindo no mesmo instante em que sentiu uma tontura acompanhada de uma desconfortável dormência em seu ombro. Levou a mão até o local constatando o sangramento e não era só isso...

- Creio que falei cedo demais! – disse morosamente olhando para o firmamento escuro e opaco.

O militar imediatamente juntou-se a ela percebendo a nódoa vermelha empapada na blusa grossa que vestia.

- Deixe-me ver – disse de forma gentil, como se falasse a uma criança.

Cautelosamente Dukat verificou se havia algum deslocamento ou tendão rompido no ombro ligeiramente deformado pelo inchaço.

- Não parece estar deslocado – constatou experimentando delicadamente em várias posições o braço esquerdo da médica.

Anarys sacudiu ligeiramente a cabeça.

- Mal consigo sentir o ombro... Tenho vertigem e... Com... Sono. Maldita criatura envenenou-me!

- É o que parece – respondeu o militar apressando-se em buscar o kit de primeiros-socorros – Volto já.

- Não se preocupe não vou a lugar algum – tentou brincar, notando a fala enrolada como se tivesse ingerido um tonel inteiro de *kanar*[11]

De volta com o estojo médico, Dukat sabia exatamente que o fazer. Precisava neutralizar a ação do veneno, não permitindo que o mesmo chegasse em quantidade suficiente ao coração da Bajoriana, provocando sua morte. Procurou pelo antídoto e preparou o instrumento injetor com ele. Virou delicadamente para o lado sua cabeça e inoculou o medicamento na jugular, esperando por alguma reação.

[11] Bebida Cardassiana fermentada, similar a cerveja.

Os olhos da Bajoriana começavam a vidrar, pupilas dilatadas e a respiração já bastante imperceptível. Em um ato de raro descontrole, Dukat aplicou nova dose do antídoto, mas desta vez diretamente no coração. Em seguida apanhou uma pinça, e com um movimento rápido rasgou a blusa da médica na altura do ferimento expondo parte de seu seio esquerdo. Ativou o instrumento e pôs-se a explorar a ferida em busca da unha do felino responsável por seu envenenamento. O oficial sabia que um horricat por vezes, ao abater sua caça, procurava inocular a toxina depositada em suas unhas com o intuito de paralisar gradativamente a vítima, facilitando assim seu trabalho.

Não precisou de muito tempo para encontrar o que procurava. Retirou admirado de dentro da ferida os quase cinco centímetros de unha. Limpou e tratou de fechar o ferimento rapidamente, verificou de novo os sinais vitais da Bajoriana e cuidadosamente carregou-a para dentro do abrigo, acomodando-a confortavelmente debaixo da coberta térmica.

Somente o tempo iria dizer se sua intervenção fora suficientemente rápida e eficaz.

Tomou um gole d'água, 'reavivou' a fogueira enquanto se enrolava em uma lona. Arrancou o

comunicador de sua armadura desprezando-a em um canto e automaticamente procurou pelo bioscanner da Bajoriana, que dormia profundamente, e finalmente sentou-se junto a ela. Sacou do uniforme o dispositivo iônico e pôs-se a trabalhar. A noite apenas começara...

NEESKA ABRIU OS olhos sonolentos e pesados para se dar conta de que, de alguma forma, sobrevivera ao envenenamento da medonha criatura. Por um momento julgou que tudo não passara de um pesadelo, mas o ombro ferido e o enjôo que ainda experimentava trouxeram-na à realidade. Ainda continuava presa na garganta Ratasha, na companhia desagradável do militar Cardassiano. Notou que se encontrava sozinha no veículo e tentou sentar-se quando a figura de Dukat entrou no abrigo.

- Não creio ser boa idéia, volte a se deitar até que sua aparência dê ares mais saudáveis.

- O aspecto é tão desagradável assim? – perguntou, atendendo o pedido do oficial sem protestar.

- Digamos que no momento sua aparência assemelha-se a um *norat*[12] em plena troca de pele.

Anarys franziu o cenho, não gostando nem um pouco da comparação. Tais roedores ao substituírem suas peles tinham um aspecto verdadeiramente horrível, já que a nova ainda não curtida pelo sol era transparente a ponto de se poder observar os órgãos internos.

- Como se sente? – perguntou.

- Enjoada.

- Significa dizer que ainda está expelindo o veneno -- disse enxugando delicadamente a fronte da mulher suada pela febre.

Dukat apanhou uma caneca e verteu nela um líquido viscoso de cor marrom, oferecendo-o à médica.

- Não, obrigada, estou farta de sopas Cardassianas, meu estômago não suportaria – disse afastando a caneca.

- Não é o que está pensando. Vamos beba – insistiu o militar.

A Bajoriana pegou a caneca e observou seu interior e experimentou o aroma.

- O que é isso?

[12] Espécie de roedor nativo.

O Cardassiano limitou-se a gesticular para que ingerisse. Sem protestar tomou um gole, o gosto era agradável, assim como o aroma.

- Humm... bem melhor que fasrushss.

- Seu sacrifício não foi em vão afinal. A lata de rações que 'resgatou' está repleta de *Pashlar*[13] e outras iguarias que irão agradar o seu 'refinado' paladar – disse em tom de mofa.

Após ingerir demoradamente o bem-vindo chá, Anarys observou o ombro com curiosidade médica.

- Fez um bom trabalho, mais um de seus muitos atributos?

Dukat sentou-se próximo a ela e ajeitando melhor a lona que usava como casaco respondeu.

- Não fui um tulgryn a vida toda, já fui mero soldado cuja primeira ordem que recebe é manter-se vivo a todo custo. Um treinamento básico de primeiros-socorros nunca é descartado.

A atenção da médica estava voltada para a blusa rasgada e em seguida mirou o militar em busca de uma explicação que veio prontamente.

- Não havia tempo para amabilidades – respondeu, sem um pingo de arrependimento.

---

[13] Chá feito de ervas Cardassianas.

Neeska verificou a extensão do estrago e mostrou-se ligeiramente incomodada pela exposição involuntária que o mesmo proporcionou de seu corpo. Dukat notando seu constrangimento não se furtou a comentar.

- Não se sinta acanhada doutora, a visão mesmo que rápida foi extremamente agradável aos olhos.

A mulher evitou o olhar do Cardassiano e tentou manter a conversa em outro rumo, mas não alcançou intento. Dukat facilitou sua tarefa retirando de um dos bolsos de seu uniforme a unha do felino que retirara do ombro dela, dizendo:

- Talvez queira guardar isto como recordação.

Anarys arregalou os olhos diante do 'souvenir' e examinou-o de forma curiosa enquanto o militar servia-se de pashlar.

- Isto pode se transformar em um instrumento poderoso. É mais eficaz que as drogas que a Ordem costuma usar em interrogatórios, não faz idéia do quanto destrava a língua, uma vez na corrente sanguínea.

A médica tornou olhar o tulgryn apreensiva, tentando imaginar o que ele quisera dizer com aquilo.

- Não se preocupe, sou bastante discreto quando se trata de segredos. Os seu estão bem guardados – ironizou.

- Se pensa que vou me deixar levar por mais uma de suas implicâncias, desista!

O oficial sorveu com prazer mais um gole de sua bebida quente dando início ao seu jogo favorito de provocar a nativa.

- Apesar de falar fluentemente sua língua, confesso que em seu delírio conturbado ficou-me a dúvida de qual seria o grau de parentesco de alguém que chamou diversas vezes pelo nome Hotzan. Seria ele um parente? Amigo?... Ou talvez... Um amante?

Ao ouvir aquele nome, Anarys descobriu que seu inconsciente febril abrira as portas de seus mais íntimos sentimentos. Há quanto tempo não pensava em Hotzan, sua primeira grande paixão, alguém que já deveria ter esquecido. Fechou os olhos por uns instantes, não havia como dissimular aquilo diante dele. Resolveu então contra-atacar com o que tinha.

- Não é de sua conta! Mas saiba também que não fui a única a delirar por aqui e, apesar do meu não muito bom kardasi, depreendi que alguém de nome Garak lhe trás profundo sofrimento.

Dukat estacou surpreso ante a revelação, uma onda de ódio invadiu-o e por mais que tentasse dissimular as feições cerradas de seu rosto, acabaram por traí-lo. Depositou a caneca vazia em um canto.

- É justo então. Guarde os meus e eu guardo os seus – disse referindo-se claramente aos segredos.

Anarys alegrou-se vitoriosa, fora a primeira vez que conseguira surpreendê-lo, deixá-lo sem ação. Guardaria para sempre aquele momento na memória.

- Quer ouvir boas notícias para variar? -- perguntou mudando de assunto – Já não chove e neva há horas, o nível do rio começa a baixar e consegui fazer contato com auxílio do dispositivo que pegou ontem nos destroços. Calculo que até o meio-dia de amanhã estaremos fora daqui.

A médica mal se conteve de alegria.

- Templo Celestial! Que ótimas notícias! Já não estava agüentando mais ficar presa neste buraco gelado, faminta e em tão desagradável companh... – a língua fora mais rápida que a censura.

O oficial voltou-lhe o olhar surpreso.

- Vejo que minha companhia lhe desagrada.

- Não tive intenção de ofender.

- Não me senti ofendido, aprecio sua sinceridade e a coragem de externá-la.

O Cardassiano levantou-se em direção à saída.

- Procure descansar, estarei lá fora verificando se ainda temos a presença indesejável de algum horricat.

A ÚLTIMA NOITE em Ratasha se dera sem problemas e fugira da rotina normal. Ambos encontravam-se animados demais para dormir. O frio não era tão intenso como antes. A intimidade de compartilharem o mesmo espaço agora começava a incomodar a Bajoriana. Não havia a necessidade de aquecerem-se juntos debaixo das cobertas. Anarys deitara-se do lado oposto à fogueira e esquadrinhava o teto do veículo buscando o sono, enquanto Dukat embrulhado em seu cobertor, estranhamente quieto, mergulhara em pensamentos. Só foi muito tarde da noite que pegaram no sono.

APÓS NOVE DIAS presos em Ratasha, o sol finalmente firmou-se no céu azul naquela manhã

e o mesmo já ia alto quando a equipe de resgate Cardassiana comunicara que chegaria em breve. Anarys ainda enfraquecida arrumava sua mochila quando o militar aproximou-se dizendo.

- Não precisarei disto – disse entregando o restante das rações e água – Tem certeza de que não quer reconsiderar meu convite e aproveitar o transporte para fora daqui?

- Prefiro seguir trilha abaixo, calculo que até o início da noite alcançarei meu destino.

- Está debilitada, doutora, e sua aparência não é das melhores – externou sincera preocupação.

- Sim, eu sei, pareço com um norat, você já disse isto.

Dukat achou graça da médica ter lembrado do comentário.

- Dra. Anarys – fez uma pausa proposital a fim de dar ênfase ao seu comentário - É uma mulher bastante teimosa e decidida. Embora não goste da idéia de que empreenda viagem sozinha no seu estado atual, vou respeitar seu desejo, mas com uma condição.

A médica parou de empacotar suas coisas e encarou o militar.

- Leve-o com você – disse oferecendo seu feiser pessoal.

- Não preciso disto.

- Eu me sentiria melhor se o mantivesse consigo. Afinal, nunca se sabe, pode muito bem encontrar com um horricat ou talvez um... Cardassiano em apuros.

Com um gesto impaciente guardou a arma a contragosto e ajeitando a mochila no ombro decidiu por partir.

- É melhor eu ir andando.

- Bem, então é aqui que nos despedimos – disse fazendo uma curta pausa – Faça uma boa viagem e que seus Profetas a protejam.

- Obrigada – agradeceu e seguiu seu rumo.

Dukat inesperadamente segurou-lhe o braço retardando a partida da nativa. Olhou demoradamente seus olhos cor de mel e com a sua característica voz grave, porém gentil, bem diferente do que a doutora estava acostumada a escutar disse:

- Anarys, por mais que tentasse durante estes dias não consegui entender o que levou você a se empenhar tanto em salvar-me a vida. Não faz sentido algum, dadas as circunstâncias. Só posso depreender que é uma pessoa boa e generosa, e imagino que, apesar de tudo pelo que já deve ter passado com a ocupação, não se deixou infectar por sentimentos exacerbados de vingança e ódio. Sou grato por tudo o que fez por mim - os olhos

azuis do tulgryn penetravam os seus como se tentasse buscar uma resposta ali.

Jamais imaginou escutar o Exterminador de Ydek expressar sinceramente sua gratidão.

- Não tem que agradecer. O que fiz faria por qualquer outro.

- Foi o que eu disse. É uma Bajoriana bastante incomum, Anarys. Admito que nestes últimos dias acostumei-me com a sua presença, apesar de seus constantes rompantes emocionais. Cheguei até a desenvolver certa simpatia por você. Seria ousado demais de minha parte imaginar que o sentimento é recíproco? – não se privou de uma última provocação.

Anarys irritou-se com este último comentário.

- O fato de ter-lhe salvo a vida não significa que tenha desenvolvido alguma afeição por você – disse olhando firme para seu braço ainda preso pelo Cardassiano.

A Bajoriana liberou-se dele e rumou em direção à trilha quando o ouviu chamar por ela.

- Doutora.

Anarys voltou a cabeça na direção do Cardassiano.

- Espero algum dia poder encontrá-la de novo.

- Não acredito que alguma criatura em toda Bajor pudesse ser amaldiçoada duas vezes com tamanho azar.

Dukat riu-se à larga ao mesmo tempo em que acompanhava a silhueta da atraente médica desaparecer trilha abaixo. Mal sabia ele que seu desejo não estava longe de se concretizar.

Continua...